

SUBSÍDIOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O PROBLEMA DE SÓCRATES NO BRASIL

Cesar de Alencar¹

RESUMO: A intenção do texto é dispor, por meio de uma leitura crítica dos principais livros que estão disponíveis no Brasil atualmente, os elementos necessários a uma investigação da persona e da filosofia de Sócrates, sobretudo em vista dos importantes estudos, ainda não traduzidos ou não mais comercializados, que assentaram as bases da pesquisa atual sobre Sócrates e o socratismo.

PALAVRAS-CHAVE: Sócrates; Questão Socrática; livros; Brasil.

Abstract: The intention of this text is available through a critical reading of the main books that are available in Brazil today the elements required for a research of Socrates' persona and philosophy, especially in view of the important studies have not translated or not marketed which laid the basis of current research on Socrates and the Socraticism.

Key-words: Socrates; Socratic Problem; books; Brazil.

1. O problema de Sócrates e a literatura especializada

Quando se trata de investigar seriamente quem foi e o que disse o Sócrates de que muito ouvimos falar, mas sobre quem muito pouco se dá garantias de unanimidade, ficamos como que reféns de uma incerteza que não por acaso beira o ceticismo. Até mesmo entre os especialistas do assim chamado *caso Sócrates* é vez ou outra possível encontrar quem se proponha a defender uma tese cuja paráfrase de Protágoras a define com maestria: *sobre Sócrates não podemos saber nem se existiu nem como viveu*. O ápice desta *visão agnóstica* face ao *caso Sócrates* encontrou no ceticismo de Dupréel o seu excesso mais absurdo²: para o autor, a figura de Sócrates, antes de ser referida a uma pessoa histórica particular, não foi senão a *construção* de certo gênero literário cujo objetivo estava em conciliar os interesses diversos que os assim chamados *socráticos* alimentavam pelos estudos, veja só, dos sofistas. Em outras palavras, Sócrates não passaria de uma persona criada em que se coadunam as mais distintas teses da primeira sofística, para fazer frente às da segunda.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica da UFRJ.

² DUPRÉEL, *La Légende Socratique*, 1922 – sobretudo p. 29-30 ; 259-262 ; 333-334. Há traços de uma avaliação cética do problema de Sócrates em ROBIN, *Fins de la culture grecque*, in *Critique*, III, nº 15-16, 1947, sobretudo p. 208 ss.

Afora o caso-limite de Dupréel, um tanto dado a loucura dos exageros hipotéticos³, há certamente um ceticismo mais brando, por assim dizer, e bem mais profícuo: foi o caso de Gigon, que insuflou novo fôlego aos estudos sobre o socratismo ao defender a tese de que a literatura socrática, nossa única fonte desse homem que nada escreveu, está definida por uma *atitude não histórica* em relação ao *Sócrates tal como ele foi*, sendo, portanto, uma *criação literária (Dichtung)* e Sócrates nada mais que sua *persona*. Embora não deixando de reconhecer, diferentemente de Dupréel, a possibilidade de reportarmos a certos detalhes biográficos menores, Gigon deslocou *Sócrates* de seu lugar na história do ocidente, pondo-o em troca como um *símbolo* do homem ideal criado pela imaginação platônica⁴.

Mas nem só de céticos se fazem os estudos socráticos. Ficou igualmente conhecida a defesa que Burnet e Taylor⁵ fizeram da filosofia de Sócrates como tendo sido preservada decisivamente pelo seu mais importante testemunho, Platão. O que mais chamou a atenção da pesquisa acadêmica fora a tentativa de comprovar que aquilo que Platão pôs na boca de Sócrates era a filosofia de Sócrates, e não a de Platão. O caso do *Fédon* seria paradigmático: não pareceria justo com Platão se suspeitássemos que ele fez Sócrates, em seus momentos finais de vida, defender uma filosofia que não fora a sua, junto a tantas personalidades do meio socrático como o próprio Fédon, que dá nome ao diálogo. Se Sócrates fosse um mero porta-voz de Platão, o que teria levado o autor a subverter seu papel de *condutor do diálogo* nas obras de velhice, até ausentá-lo de todo em *Leis*?

A distinção necessária e desejável entre Sócrates e Platão no interior dos Diálogos é já uma postura presente em muitas fontes antigas⁶. Contudo, a dita *teoria das ideias* sempre foi considerada, pela tradição de estudos socráticos, como sendo própria a Platão. Em vista da visão tradicional, Field⁷ voltou-se contra os argumentos apresentados pelos estudiosos escoceses, propondo com boa dose de moderação o *Sócrates histórico* como sendo aquele da *Apologia*. Sua refutação, porém, não alcançou o todo da imagem do Sócrates metafísico apregoada por Burnet-Taylor. Não é difícil imaginar que a polaridade entre as hipóteses céticas e a novidade revolucionária dos

³ Cf. DIÈS, *Autour de Platon*, p. 182-209 – p.209: “dans le livre que nous donne M. Dupréel, les ébauches délaissées du livre prudent, ingénieux et solide qu’il pouvait et qu’il devait nous donner”; ainda VILHENA, *O problema de Sócrates*, p. 483

⁴ GIGON, *Sokrate*, 1947, sobretudo o primeiro capítulo, p. 7-68

⁵ Sobretudo BURNET, *Introduction to Plato’s Phaedo*, 1911; ; *Greek Philosophy - Thales to Plato*, 1914; *The Socratic Doctrine of the Soul*, 1916; também TAYLOR, *Varia Socrática*, 1911; *Socrates*, 1932.

⁶ VILHENA faz um apanhado delas em *O problema de Sócrates*, p. 114, n. 1.

⁷ Sobretudo em FIELD, *Socrates and Plato*, 1913.

autores escoceses criou um mal-estar nos estudos sobre o socratismo, justificando Leon Robin a denunciá-lo como um *insoluble problème*. O que chamo aqui de *estudos bem fundamentados acerca do socratismo*, ou seja, a *literatura especializada recente*, são as respostas a essa sensação dicotômica que iniciou o século XX.

A primeira grande resposta veio através da volumosa interpretação de conjunto do problema de Sócrates realizada por Vilhena (*Le Problème de Socrate*, 1952). Em conjunto com sua tese complementar (*Socrate et la légende platonicienne*, 1952), as duas foram as únicas obras de importância traduzidas para o português. O detalhe infeliz é já não ser mais possível encontrar por aqui essas edições à venda, às vezes sequer para consulta. O peso de suas análises, a bem dizer, encontra-se: (1) no papel que a tradição possui como seu *pano de fundo*, no que irá conduzir seus esforços a partir do *status questionis*, o primeiro esforço de todo estudioso sério; assim como (2) na oferta de um olhar sobre Sócrates que não toma como dadas nem as opiniões comuns nem a opinião especializada dominante, mas procura oferecer, a partir de uma avaliação das fontes e de suas próprias particularidades, seu ponto de vista acerca do socratismo.

O trabalho desse grande teórico português formado pela Sorbonne mereceria receber novas edições, sobretudo para sua divulgação no Brasil⁸. Devemos a Vilhena a definitiva percepção de que não se trata de falar do *Sócrates tal como ele foi* – o chamado *Sócrates real*, que nos está completamente inacessível – mas de lidar com o *Sócrates da história*, que nos ficou através de suas fontes e que para nós só pode querer dizer o *socratismo*: o *Sócrates histórico* é, em suma, aquele que entrevemos pelo *socratismo*. Nesse sentido, as incertezas avançadas pela opinião cética, que ainda hoje se apresenta em recusa das fontes como puramente fictícias (por exemplo, Dorion e Kahn⁹), encontram sua melhor refutação na concepção, defendida por Vilhena, de que se devem considerar os diferentes autores a partir de suas intenções e do tipo de literatura que realizaram: já que só temos o *Sócrates tal como cada uma das fontes o entendeu*, é mister investigarmos o processo pelo qual cada autor realizou sua imagem do mestre – em vista, sobretudo, da filosofia que tinham como modelo.

Profundamente interessados na filosofia antiga em geral, os italianos aprofundaram a investigação atual sobre o socratismo a ponto de se tornarem hoje o

⁸ Foram editados recentemente pela Calouste, a mesma editora que traduziu os textos de Vilhena referidos acima, alguns estudos do autor em filosofia antiga, até então inéditos, o que parece sugerir algum interesse latente da Fundação em se realizarem novas edições dos seus grandes trabalhos: *Estudos inéditos de filosofia antiga*, 2003.

⁹ Cf. DORION, *Compreender Sócrates*, 2006; KAHN, *Plato and the Socratic Dialogue*, 1994.

maior celeiro de teses sobre Sócrates. Nomes como os de Mondolfo, Calogero, Capizzi, Adorno, Sarri, Rossetti, Montuori, Giannantoni figuram entre as melhores bibliografias a respeito do tema, e de lá partem os atuais congressos do projeto *Socrática*, profundamente devedor das pesquisas iniciadas por estes brilhantes estudiosos, acima de tudo os três últimos¹⁰. Infelizmente, por aqui, nenhum deles ganhou o devido interesse das editoras¹¹. Mesmo os passos que foram dedicados a Sócrates na *História da Filosofia Antiga* de Reale, embora referidos às últimas obras sobre o tema, já pressupõem, por isso mesmo, toda a discussão avançada por aqueles. Quem não os conheça tomará rapidamente por resolvida a questão de Sócrates, quando na realidade a discussão está, ainda em nossa época, no mesmo ponto de ebulição em que se encontrava desde o século passado¹².

Passaremos em revista agora os livros traduzidos para o português que no Brasil se encontram acessíveis a quem esteja interessado na figura de Sócrates. Vale mencionar que não se trata, aqui, de desqualificar ou desmerecer os trabalhos disponíveis – muito antes, a tese que se pretende demonstrar está em não encontrarmos obra alguma, das fundamentais acerca do problema de Sócrates, traduzidas no Brasil e das quais depende a possibilidade de podermos avaliar os livros que as pressupõem ou a ignoram. Trata-se de mostrar que falta o pano de fundo do debate com as fontes, porque a literatura que se encontra traduzida é fruto da especulação mais ou menos assente sobre uma sólida investigação socrática que se faz esquecida entre nós. Isso nos convence de que, por aqui, a imagem de Sócrates serve tão-somente como figura caricata e não como objeto de estudos sérios. Nosso objetivo é fazer com que estes superem aquela.

2. A literatura sobre Sócrates traduzida no Brasil

Quem siga a uma livraria em busca de algum exemplar a fim de conhecer a filosofia e a vida de Sócrates não encontrará muitas opções senão obras que se

¹⁰ Cf. o site oficial www.socratica.eu. O nome de Giannantoni é dos mais importantes atualmente, sobretudo em decorrência da sua obra magna sobre Sócrates e o socratismo: a mais ampla recolha dos fragmentos e das inúmeras menções feitas a Sócrates, dispersas até então; ver *Socratis et socraticorum reliquiae*, 1990 (4 vol). O nome de Montuori está em grande parte associado ao impulso para os estudos socráticos na Itália: o seu *The Socratic Problem* (1992) é obra de referência para o tema.

¹¹ Com a única exceção do trabalho de ROSSETTI sobre os modos de pesquisa e de lida com as fontes da filosofia antiga, em *Introdução à Filosofia Antiga*, 2006.

¹² Minhas contribuições à problemática do socratismo foram oferecidas em *A caricatura da philosophia, Ato I* – Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2013.

classificariam ou (a) entre as que se propõem a ser um mero feixe de impressões acerca do que se entende desde à tradição como sendo socrático, sem um fundamento mais apurado das suas fontes em seu conjunto, e por isso acaba por privilegiar uma em detrimento de outra sem maiores razões; ou (b) entre as que se propõem a estudar um ou dois traços do socratismo sem, no entanto, encerrar uma visão de conjunto, pois nos casos em que isso acontece, vê-se denunciada sua fragilidade; ou por fim, entre (c) aquelas que almejam a diversão ou um conhecimento mais popular da figura do filósofo, apresentando visões de Sócrates ao gosto do freguês.

É evidente que, segundo a descrição que fizemos acima sobre a questão de Sócrates, as obras alocadas em (c) perdem o interesse acadêmico – o que elas realmente não almejam – ao passo que (a) e (b) só terão importâncias pontuais. O desejável seria que os estudos acerca de Sócrates fossem feitos sempre em vista da gama de elaborações já apontadas, que levam as fontes à crítica desejável para o mínimo de fundamentação rigorosa esperada de um estudo sério. Por esse motivo, a meu ver, é valioso um panorama em que se apresentem estes poucos livros existentes no mercado brasileiro, acrescido de uma avaliação crítica das informações e das teses por eles defendidas, para viabilizar ao iniciante o território profícuo de uma compreensão mais interessante acerca do socratismo entre nós.

a. Os livros que apresentam *sínteses* com ou sem problematização das fontes

Não nos sendo possível reunir aqui os livros disponíveis por data de publicação, é sem dúvidas mais interessante avaliar, de modo dinâmico, primeiro as obras que pecam pelo tom específico ou pela tese fragilizada, para então seguirmos às que chamam nossa atenção pelas análises profícuas ou pelo compromisso com a problemática mencionada. Começamos pela tentativa de Hadot (*Elogio a Sócrates*, 2012), justificada em suas próprias palavras, de oferecer elogio a Sócrates: elogio que perseguirá não sua *figura histórica*, mas sua *imagem ideal*. Traçada a partir daquelas imagens vinculadas a Sócrates pela tradição (o Sileno, Eros, Dionísio), Hadot não se atentou para o fato de estar, por isso mesmo, a lidar com a figura histórica que subjaz o mito. Teceu os traços do filósofo quase em antítese ao mito criado por Nietzsche¹³, de um Sócrates arauto do racionalismo cientificista moderno. Ambos, contudo, pecaram

¹³ Sobretudo em seu *Crepúsculo dos Ídolos*, II, mas também já em *O nascimento da Tragédia*, 13-14.

por amor às lendas. Embora inegavelmente belas, estas páginas *apolíneas* em Nietzsche e *dionisiacas* em Hadot ressaltam apenas parte do símbolo que Platão e os demais nos legaram. São partes de um todo mais amplo, que não encontra seu sentido em apenas uma delas. É o todo que precisa ser levado em consideração.

Mas quem poderia mesmo atingir o todo? A tentativa de Huisman (*Sócrates*, 2006), embora caminhe na direção de uma visão geral de Sócrates, transborda em imagens muito mais poéticas que sóbrias. Lembra aquela beleza estonteante pela leitura de Foucault, mas sem o rigor documental que este seu conterrâneo demonstrara. Seu melhor desempenho se encontra nessa poesia que ele capta dos Diálogos de Platão: por trás do símbolo, Huisman quer fazer ver o homem Sócrates. Menos poético, embora mais firmado em documentos, o também francês Duhot (*Sócrates ou o despertar da consciência*, 2004) produziu, a partir da ideia do Sócrates mestre de gerações, uma tese sobre *a nova configuração do saber* imposta pelo filósofo: a exigência da consciência pessoal debruçada sobre si mesma. Ao dar sentido às múltiplas imagens geradas entre discípulos e inimigos, a tese de Duhot pôde fazer justiça ao papel que Sócrates desempenhara na história das ideias e da filosofia ocidental.

É com esse mesmo objetivo que o livro do já renomado helenista Cornford (*Antes e depois de Sócrates*, 2001) fez por marcar a indelével contribuição de Sócrates à história da filosofia – de maneira a justificar o termo *pré-socrático* a quem lhe antecede, além de haver mostrado a dívida de quem lhe seguiu de perto: Platão e Aristóteles. O *feito de Sócrates*, diz Cornford, *foi a descoberta da alma*, mas de que maneira essa sua contribuição é decisiva para entendermos a complexidade da imagem de Sócrates ao longo dos anos é algo que o pequeno livro de Cornford não pôde dizer. Não o pôde também C. C. W. Taylor (*Sócrates*, 2010), porque esteve preocupado apenas com os traços mais bem aceitos sobre a vida e a filosofia de Sócrates. Sentindo-se, por certo, limitado em tal retrato, voltou-se ao fim para a imagem de Platão, de onde e para onde a maior parte dos estudiosos acaba seguindo.

Dos que resistem à imagem platônica de Sócrates, Dorion (*Compreender Sócrates*, 2006) é a mais grata surpresa. Seu livro é dos únicos que, traduzido aqui, revela ao leitor parte da problemática de lida com as fontes do socratismo. Com outros trabalhos enfocando a filosofia e a imagem de Sócrates em Xenofonte¹⁴, Dorion firmou-

¹⁴ Ver DORION, *Xenophon's Socrates*, in AHBEL-RAPPE, S. and KAMTEKAR, R. org. *A Companion to Socrates*. 2006; *L'Autre Socrate*, 2013; há ainda um projeto, iniciado em 2000 e terminado recentemente, para a tradução das *Mémorables*, pela Les Belles-Lettres.

se como um dos grandes estudiosos do socratismo em cenário internacional. Embora não tenhamos medido esforços para expor o problema de sua tese¹⁵, uma espécie de *ceticismo moderado* que se contradiz pela própria moderação, não poderíamos deixar de notar o excelente desempenho de seu livro para uma primeira noção acerca do problema de Sócrates ao estudante brasileiro.

Melhor que o livro de Dorion em tal desempenho, apenas o de Martens (*A questão de Sócrates*, 2014). Lançado recentemente no Brasil, a obra é talvez a melhor introdução à vida e à filosofia socrática disponível por aqui. Interessado na *questão* de Sócrates a partir do duplo entendimento que a palavra oferece, o autor tece sua abordagem fundamentado na *essência* mesma do debate sobre Sócrates: encaminha o leitor ao encontro de uma *filosofia da questão*, ou seja, do *questionar* tal com Sócrates o fez, sem perder de vista as múltiplas *questões* que ele por isso mesmo nos legou. Martens traça o inegável *pôr-se em questão* que configura, de um lado, a essência da atividade socrática e, de outro, a inescapável lida com sua figura e sua imagem.

Seria, por certo, incoerente, junto ao que dissemos, alocar os livros de Dorion e o de Martens entre aqueles de (a), referidos acima. A objeção tem razão – mas se podemos obter alguma explicação, ela está no fato de que ambas, ainda que levem em conta os estudos de base do *status questiones* inerente já ao problema de Sócrates, o fazem em relação à parte de toda a problemática. Não quer-se dizer, com isso, que elas deveriam se ater ao todo da questão necessariamente, mas fato é que aqueles que o fizeram se alocam em melhor papel de poder julgar não apenas as fontes em seu conjunto, como também os demais trabalho de interpretação que se apresentam. Ótimos enquanto introduções à questão, os dois livros não poderiam nos servir de parâmetro de avaliação do conjunto da problemática implicada.

b. Os livros de temas específicos

Afora os dois últimos livros comentados, que deveriam servir como introdução bem mais que qualquer outro já traduzido aqui, ficamos com os títulos que, atenciosos com certa questão ou algum tema socráticos, alocam suas impressões acerca de Sócrates no esquema previsto pelos traços com os quais se interessam, e não por aqueles que vêm naturalmente das próprias fontes. Aqui conta mais a imagem do detalhe que a do conjunto.

¹⁵ Cf. a primeira parte de minha dissertação *A caricatura da philosophía*, §6-8, p. 34-46.

Um exemplo dessa literatura é o, diga-se mesmo excelente, livro de I. F. Stone (*O julgamento de Sócrates*, 2005), verdadeiro tratado documental sobre a experiência grega da democracia e dos limites ao livre pensamento. A obra impressiona pela abordagem do caso de Sócrates, procurando traçar um panorama vivo e obsessivo da Atenas do século V a.C, de um modo que Mossé (*O processo de Sócrates*, 1990) não fora capaz de fazer. Mas Stone era jornalista: seu faro investigativo cobrou dados para resolver questões que o incomodara em sua própria época. Se o fez brilhantemente, só temos a lhe agradecer pelo esforço em se comprometer com empresa tão importante. Para nossa compreensão de Sócrates, todavia, a obra não poderia ter senão a mesma função do livro de Mossé: oferecer os dados históricos e documentais que tornam possíveis o trabalho filosófico posterior. Nenhum dos dois era, todavia, filósofo.

Filósofo fora Kierkegaard que, como Nietzsche, interessou-se por Sócrates enquanto um mestre com o qual poderia dialogar, aprender a filosofar, eventualmente criticar ou, no que coube a Nietzsche, recusar-lhe a paternidade. Como filósofo, Kierkegaard não poderia se ater à filosofia de Sócrates sem que com isso produzisse, ao mesmo tempo, a sua própria. Em *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates* (1991), o filósofo dialoga com as imagens de Sócrates tal como foram traçadas, sobretudo por Aristófanes e Platão: porém, seu diálogo, no fundo, é com Hegel, o grande mestre. A ironia, que também serviu de tema a uma obra clássica de Vlastos¹⁶, serve aqui de passo para Kierkegaard defender sua tese, a de que Sócrates encarnou-a como o Verbo divino encarnou-se no Cristo. Sua encarnação, porém, não foi capaz de alcançar a idealidade, dominada por Platão: Kierkegaard entende a filosofia de Sócrates como *negativa*, como o é a ironia por ele encarnada, depositando o que há de positividade em Platão, como se a positividade do Cristo estivesse em João. Sócrates sem positividade é um Sócrates *abstrato*, como foi o de Nietzsche e o de Hadot.

Alguma positividade, por certo, levou Sócrates a beber a cicuta. Em páginas que lembram as de Dodds¹⁷ sobre um Sócrates mestre espiritual, Grimaldi (*Sócrates o feiticeiro*, 2006) tece suas considerações acerca da relação entre o filósofo e a tradição do xamanismo, quase sugerindo que a viagem de Sócrates a Potidea, em batalha durante a Grande Guerra do Peloponeso, o havia tornado um xamã. Há fontes para uma suspeita como essa, mas nos dá uma avaliação mais ponderada o trabalho de Duhot, que duvida ser possível formar-se um mestre espiritual de tal envergadura durante uma

¹⁶ VLASTOS, *Socrates: Ironist and Moral Philosopher*, 1991.

¹⁷ DODDS, *Os gregos e o irracional*, 2002; sobretudo os capítulos V e VI.

batalha com a de Potideia. O caso é que a imagem de Sócrates como mestre espiritual vê-se confirmada pelo estudo do próprio Duhot, com outros dados, similares aos que Cornford havia levantado em seu *Principium Sapientiae* (1932). Taylor¹⁸ já havia apontado para o fato de que a acusação religiosa que ele sofrera em 399 a. C. não devia ser apenas de fachada, como supôs Stone: um trabalho mais extenso sobre a condição religiosa de Sócrates e de alguns outros filósofos e sábios, como Tales ou Xenófanes, ainda está por fazer.

Levado à morte por uma Atenas conturbada e bastante frágil após a perda da Grande Guerra com Esparta, o Sócrates no tribunal é tema dos trabalhos de Wilson (*A morte de Sócrates*, 2013) e de Johnson (*Sócrates: um homem do nosso tempo*, 2012), insistentemente juízes frente a tal injustiça. Bastante informados de fatos e versões sobre a situação política e cultural da *pólis* grega à época da condenação, os livros de ambos marcam mais uma vez o tom mitológico da figura de Sócrates, espécie de antecessor perfeito do cristianismo ainda sem data para nascer. A morte e a *pólis* como temas definem o trajeto até nossos dias, para nos fazer ver as constantes remodelagens e novas significações que sua injustiça reverberou ao longo dos séculos. O tom mitológico, porém, atende bem a essa demanda mais palatável ao público comum: é mesmo um livro para o público comum a motivação pela qual Ismael (*Sócrates e a arte de viver*, 2004) forjou o seu. As indicações são preciosas no que diz respeito a ser possível de algum modo aplicar as conquistas da filosofia socrática ao cotidiano – mas só enquanto boas indicações alguém interessado em tal filosofia poderia se aventurar por esses livros.

E Por falar em indicações, não poderia deixar de mencionar aqui a série de livros de Peter Kreeft¹⁹, sobre os supostos encontros imaginários que Sócrates *poderia ter tido* com os mais importantes filósofos da época moderna, em outro mundo no qual ambos acordam em perfeita oposição: Sócrates, que sabe perfeitamente onde está e o que se passa, uma espécie de arauto divino, põe-se a *purificar* seus recém-chegados amigos filósofos, que nem sabem o que se passa nem parecem acreditar que aquilo seja de fato possível. O ceticismo dado a Sócrates nos textos antigos é, na recriação de Kreeft, atributo de seus interlocutores, face a este mestre de cerimônias de um Purgatório

¹⁸ Cf. o primeiro capítulo de *Varia Socratica*, 1911.

¹⁹ Pertencem à coleção as seguintes traduções: *Sócrates encontra Marx* (2012); *Sócrates encontra Maquiavel* (2013); *Sócrates encontra Descartes* (2012); *Sócrates encontra Hume* (2014); *Sócrates encontra Kant* (2014); *Sócrates encontra Sartre* (2013), além do *Sócrates e Jesus: o debate* (2006), do mesmo autor.

sapiencial que Kreeft desenha a partir da imagem que nos ficou dos Diálogos de Platão. Os muitos encontros dessa purificação, no entanto, dizem mais sobre uma crítica do autor ao principal livro de cada filósofo que propriamente uma noção do que foi o socratismo. A essência do projeto de Kreeft é mostrar de que modo o tipo de filosofar iniciado por Sócrates deve servir de parâmetro para aquelas filosofias que lhe sucederam. E neste ponto seu mérito deve ser ressaltado.

O tipo de filosofar socrático é também o tema proposto pelo interessante livro de Walter O. Kohan (*Sócrates e a educação*, 2011). O autor pretende fazer ver, a partir das imagens de Sócrates pintadas por pensadores contemporâneos como Kierkegaard, Foucault, Nietzsche, Rancière e Derrida, o enigma que se esconde – na verdade, torna-se revelado ao trazer estas imagens como uma proposta para pensar o ensino da filosofia, a dinâmica entre o *pensador* que ensina e o *pensador* que aprende. Nesse fazer, como dirá o autor, *político* do ensinar, trata-se de entender *seu jogo de poder*, o modo de exercê-lo na ação de provocar o pensamento, que Sócrates pressupõe em sua própria atividade filosófica.

Antes de serem as ideias políticas o enfoque oferecido, quer-se fazer ver o lugar político daquela proposta que o mestre de Platão iniciara: um espaço, vê-se bem, *paradoxal e enigmático*, já que não é possível definir uma *política* para a atividade filosófica em seu ensino. Ela será sempre de cunho tensional. E apenas em vista dessa *tensão do ensinar*, ao fazer Sócrates dialogar com os pensadores elencados acima, é que Kohan pôde oferecer sua contribuição a certos elementos do socratismo: uma contribuição em *diálogo*. Elementos, no entanto, que geram tantos outros *Sócrates* quantos, diz ele, *todo professor de filosofia carrega dentro de si*. Perdemos Sócrates mais do que o encontramos.

3. Conclusão

O que se quis demonstrar pelo levantamento da literatura sobre Sócrates, passível de ser encontrada no Brasil, é a quase ausente oferta de títulos que dizem respeito à questão socrática e ao socratismo, para fins de um melhor conhecimento da vida e da filosofia do ateniense que deu origem ao que ainda chamamos de *filosofia*. Naturalmente, a recensão oferecida aqui tem esse objetivo claro, e somente pelo ponto de vista da questão socrática é que se pode dispor tais obras da forma como o fizemos. Mesmo que cada uma traga o valor de sua contribuição sobre um ou outro aspecto, ou

mesmo uma visão geral que às vezes tem fundamentos nas pesquisas mais avançadas, foi nossa intenção mostrar que o estudioso não poderia acreditar possível obter uma opinião bem fundada acerca de Sócrates dispondo tão-somente de tais obras.

Não poderia porque Sócrates, para além de ser um pensador deveras conhecido em meios tão distantes quanto o acadêmico e o empresarial, por exemplo, é antes um *problema histórico-filosófico*, um enigma já em vida e que fora largamente ampliado após sua morte. Sócrates é um *ponto de inflexão* do pensamento ocidental, um instante confuso e ao mesmo tempo privilegiado, em que se misturam os mais belos elogios e as mais lamentáveis más-compreensões. Ele é, por isso mesmo, um motivo constante de *reflexão*. Não seria preciso lembrar os dilemas e as absurdidades que podem se seguir de uma má-compreensão para a atividade reflexiva. O próprio Sócrates ensinava a pormos nossas opiniões em refutação constante. Em Sócrates, elas são poucas, e não poderia ser diferente. Mas essas poucas são preciosas: foi por elas que perdeu a vida. Deveríamos, se queremos honrá-lo com a justiça merecida, fazer o mesmo com nossas opiniões sobre ele. É o que pretendemos oferecer aqui, como um subsídio para que o estudante brasileiro possa iniciar um conhecimento mais sólido e mais precioso sobre *o pai da filosofia*. Se a alguém interessado em filosofia esse título não o mover a melhor conhecer Sócrates, talvez nada mais chegue a movê-lo.

BIBLIOGRAFIA

AHBEL-RAPPE, S. & KAMTEKAR, R. (org) (2006) **A Companion to Socrates**. UK, Blackwell Publishing Ltd.

BURNET, J.

_____. (1916) **Socratic Doctrine Of The Soul**. London, The British Academy.

_____. (1953) **Greek Philosophy – Tales to Plato**. London, Macmillan and CO. Limited.

_____. (1963) **Plato's Phaedo**. Great Britain, Oxford U. P.

DORION, L-A. (2011) **Rise and Fall of the Socratic Problem**, in Cambridge Companion to Socrates. New York, Cambridge U. P.

MAGALHÃES-VILHENA, V.

_____. (1952) **O problema de Sócrates**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

_____. (2005) **Platão, Aristófanés e o Sócrates histórico**, in Estudos inéditos de Filosofia Antiga. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

ROSSETI, L. (1971) **Recenti Sviluppi della Questione Socratica**, parte I, in Proteus, p. 161-187

SCHLEIERMACHER, F. D. E. (1852) **On the Worth of Socrates as a Philosopher**, in Platon: The Apology of Socrates, The Crito and The part of Phaedo. London, J. Weetheiiiiieb and Co.

STRAUSS, L. (1996) **The Origins of Political Science and The Problem of Socrates**, in Interpretation, Winter, Vol. 23, No. 2

STAVRU, A. (2006) **Para uma nova abordagem da questão socrática: desenvolvimentos recentes e futuros**, in Hypnos, 11, n. 16, pp. 118-124.

TAYLOR, A. E. (1911) **Varia Socratica**. Oxford, James Parker & CO.